**Com é o seu nome?**

Meu nome é Giancarlo Posani Impertore

**Você está na casa há quanto tempo?**

[Estou] Aqui nessa casa [de acolhimento] há 4 meses.

**Como é que você chegou aí?**

Eu vim através do encaminhamento do centro pop. Eu cheguei em Brasília no dia 10 de agosto. Aí eu vim pra cá no dia 22, eu fiquei 11 dias no centro pop, dormindo na frente do centro pop, esperando uma vaga sair aqui.

**Você veio de onde?**

Sim, eu vim, de Belo Horizonte. Eu passei 2 meses, 3 meses lá também no albergue lá para migrantes. Aí ouvi falar aqui, ó, que tinha algumas oportunidades a mais assim. Aí a gente acabou vindo para cá [Brasília], eu e mais 2 colegas meus.

**E você estava na rua há quanto tempo?**

Assim eu estou nessa situação de albergue de rua desde 2016 para 2017, quando minha esposa faleceu, né? Aí eu não consegui mais, eu fiquei meio sem chão assim. Acabei perdendo emprego, perdendo tudo. Aí eu acabei indo ficar em albergue, uns 5 para 6 anos.

**Você era casado?**

Era casado.

**Tem filhos?**

Não tivemos filhos, fui casado por 20 anos e aconteceu, assim, a minha despedida da minha esposa. Ela Foi para Pernambuco cuidar do pai dela, porque a mãe dela tinha acabado de falecer e eu fiquei sabendo do falecimento dela por uma mensagem numa rede social que ela estava lá cuidando do pai dela, um dia ela passou mal e faleceu. Aí não consegui nem me despedir da minha esposa de 20 anos, por ela estar muito longe. Ai foi quando minha cabeça deu uma, meio que uma virada, assim, eu acabei desistindo de trabalhar, desistindo de tudo, e acabei ficando na rua. Aí foi quando eu comecei essa caminhada de albergue.

**Você já era de Belo Horizonte?**

Não, eu sou de São Paulo.

**O seu casamento era em São Paulo?**

Sim.

**Depois do falecimento da sua esposa que você foi...**

Na verdade, eu quis muito sair de São Paulo, porque tudo que eu via lá me lembrava, né? aí tudo que eu passava, os lugares que eu via era lugares que eu conhecia com ela, então, eu pensei em me afastar um pouco de lá, foi quando eu comecei a meio que rodar, aí já conheci o maranhão, conheci minas, fiquei conhecendo agora aqui.

**Você já passou por vários lugares nessa situação?**

Já, tentando me recolocar, não procuro emprego, mas acho que também devido à minha idade, não é tão simples assim de arrumar um emprego, uma colocação, assim, apesar de eu ter formação, mas...

**Qual é a sua formação?**

Eu sou formado em Teologia e em TI também.

**Em São Paulo você...**

Trabalhava na área de TI.

**Carteira assinada?**

Carteira assinada, tudo. Teologia foi quando eu me, tentando me encontrar nessa caminhada da perda da minha esposa, foi quando eu fiz, fui missionário, que eu entrei para a igreja, fiz teologia para me tornar missionário. Através da igreja também, mas foi nesse foco aí.

**Você trabalhava há quanto tempo?**

Ah! Eu trabalhei desde os meus 14 anos, desde os meus 14 anos. Isso [de ficar em situação de rua] tem 6 para 7 anos que minha esposa faleceu. Aí eu sempre trabalhei, sempre tive, assim, o meu recurso, a gente fazia tudo junto, a gente conquistava tudo junto. Aí abala um pouco a gente, né? Uma perda dessa, assim, a gente começou a namorar novinho, né? com 20 anos de idade. Aí de repente, assim, numa certa altura da vida, acontece isso aí. Pessoal às vezes não tem a cabeça muito firme, né? para conseguir se manter, assim, naquela vida que ele levava. É como eu disse para o senhor, né, acabei tentando me afastar de São Paulo e dos lugares.

**Você trabalhou quanto tempo de carteira assinada?**

Ah, uns, assim, em registro em carteira, quase 20 anos [de trabalho]. Depois disso, não consegui mais emprego fichado, depois que eu saí de São Paulo.

**Chegou a fazer algum outro trabalho, mesmo sem carteira assinada?**

Cheguei a trabalhar de servente de obras, cheguei a trabalhar de auxiliar de limpeza no hospital.

**Isso já é depois que você estava na rua?**

É, durante esse período, assim, o processo é, assim, essa transição, assim, ela intercalava alguns períodos. Por exemplo, eu arrumava um emprego temporário, alugava um lugarzinho. Só que aí o emprego não durava, acabava voltando pro albergue de novo. Aí eu não conseguia manter aquela estabilidade.

**Sua renda caiu quanto?**

Ah, totalmente, eu ganhava antes como analista de sistemas, quase R$5.000,00 por mês. Agora, eu estou sobrevivendo de Auxílio Brasil. De auxílio brasil, o benefício que eu consegui agora esses dias aqui no abrigo foi o auxílio vulnerabilidade. Eu estou sobrevivendo disso agora.

**E como tem sido para você procurar assistência social?**

É, assim, eu me acostumei com essa assistência social em São Paulo, porque lá era, assim, o número, assim, de pessoas para te prestar o serviço é muito maior. Aí eu senti um pouco, porque nesses lugares que eu passei em Minas Gerais e aqui [Brasília] é mais precário, é mais precário essa, essa assistência. Eu digo assim, na qualidade do serviço, por exemplo, aqui na casa [de acolhimento], é onde eu estou, demorou um mês para eles darem entrada num primeiro benefício. E aí disseram que não poderiam estar fazendo mais porque não tinha disponibilidade. Uma série de desculpas, aí, e nos outros lugares que eu passei, a assistente social te procurava para te fornecer o benefício. Aqui tem um pouco de dificuldade a mais. Eu sou agradecido pela casa e pelos que eles me dão, pela moradia, pela alimentação, tudo. Mas eu acho que podia melhorar um pouquinho nessa área social, aí, de assistência deles, porque, sei lá, eu acho que eles poderiam se esforçar um pouquinho mais aí de ajudar a gente.

**E o atendimento na saúde, como é que é que tem sido nesse período?**

Aqui eu não procurei ainda atendimento, assim, em posto de saúde, essas coisas, o acompanhamento que eu fazia era em São Paulo e eu procurei em Minas, um dia só, uma vez só, para procurar uma receita de um remédio, mas aqui eu ainda não tive experiência com o sistema de saúde do DF ainda não.

**Em São Paulo e em Minas como é que era essa experiência?**

Não, lá [em Minas e São Paulo] é diferente. Lá você faz o acompanhamento [na Saúde]. O único problema de saúde que eu tenho é de hipertensão. Então, eu fazia um acompanhamento regular, fazia a medição, tudo. Mas aqui [em Brasília] eu não tive esse acesso ainda. Na verdade, não procurei e não tive esse acesso ainda porque, é diferente, assim, eu não me acostumei com os endereços daqui, não me acostumei com, pra mim locomover é tudo muito longe e às vezes para quem não conhece, quem não está familiarizado com a cidade, é difícil de achar os lugares. E eles [os técnicos do Abrigo] não dão muita orientação, assim, de como chegar num determinado endereço. Aqui eles falam, ó, tó, você quer encaminhamento pro posto, estou aqui, o endereço é esse, se vira. Eles não te ajudam muito a chegar lá no lugar.

**Você vê muita diferença, por exemplo, no atendimento da saúde, de quando você estava trabalhando, casado, ganhando a sua renda, enfim, com carteira assinada, para agora na situação de rua?**

Sim [o atendimento da saúde é muito diferente na situação de rua em relação a] quando eu trabalhava, quando era casado, eu e minha esposa nós tínhamos um plano de saúde. Apesar de não procurar, de não precisar sempre, mas quando precisava, era o hospital particular e é um choque um pouco grande nessa mudança do sistema particular para o público, né? Tem hospitais bons, públicos, mais, não é a mesma coisa você será atendido por um médico que está ganhando para isso e outro que está ganhando metade do salário para fazer a mesma coisa e aguentar o dobro de problema, né? Não é a mesma coisa, não, o atendimento quando eu trabalhava, com o atendimento público, né.

**O que você sente de mais diferença quando você...**

Rapidez no atendimento [é o que noto de mais diferente], quando eu trabalhava eu só agendava uma consulta, já chegava lá no horário marcado, já era atendido, não tinha muito tempo de espera. A qualidade, os serviços, os exames. Hoje, para você conseguir um exame num posto de saúde, você dependendo do exame, você demora 3, 4, 5 meses para agendar um exame. Uma consulta antes era praticamente instantâneo.

**E você diria que o respeito dos profissionais é o mesmo?**

[O respeito dos profissionais da saúde] É o mesmo, mas eu, eu, eu até entendo, porque que é assim, porque é muito estressante lidar com um ser humano, lidar com o público. E no sistema de saúde, a pessoa acaba descontando no médico, né, às vezes ele, eu não sei se de propósito ou não, mas ele acaba negligenciando um pouquinho, até descontando um pouquinho em alguns pacientes, né? Acho que isso aí é da profissão, não tem muito a ver se é público ou privado. Acho que o médico ele tem que lidar muito com o ser humano, que lida com o ser humano é difícil.

**Você já foi preso alguma vez?**

Já.

**Tem quanto tempo?**

Isso tem mais de 15 anos. Em São Paulo, quando era jovem, passei por problemas com a justiça assim.

**Ficou quanto tempo?**

Eu fiquei 2 anos preso.

**Depois disso...**

Não, nunca mais. Quando eu conheci o inferno que era aquele lugar, eu prometi para mim mesmo que eu não ia fazer nada que pudesse mais, nunca mais ia fazer nada que pudesse me levar pra aquele lugar de novo.

**E qual foi o motivo?**

O crime que eu cometi foi furto. Mas na época, aqui, é assim, quando eu era jovem, eu vou, tenho que confessar, eu já usei drogas, essas coisas, mas foi roubar para usar droga, né? E pá aconteceu isso.

**Você usava o quê?**

Eu usava cocaína e maconha

**Você morava com quem?**

Ainda não era casado [quando comecei a usar drogas], morava com a minha avó, morava com a minha avó e com a minha família.

**Sua família, no caso, era quem?**

Era minha mãe, minha avó e meu tio.

**Você nasceu e cresceu morando com seus pais?**

Sim, eu fui criado pela minha avó. Eu tive uma família de recursos. Até muito boa. Eu era o neto, filho único, neto único para 4 avós cuidarem. Então eu fui uma criança mimada, não posso dizer que estou hoje nessa situação porque eu não tive uma boa criação, porque é mentira. Eu tive, tive condições, tive instrução, tive estudo, tive tudo, só que foi nem eu disse pro senhor, aquilo que me levou realmente a ficar na rua foram, além da minha falecimento da minha esposa, foram as escolhas ruins que eu fiz.

**Que escolhas seriam essas?**

Ah, foi não ter recusado o primeiro baseado, não ter recusado o primeiro tiro de cocaína, más companhias, más influências, esse tipo de escolha, eu tinha a opção de escolher não ir, de não fazer, mas eu acabei escolhendo fazer. Então, isso tem, toda escolha tem uma consequência.

**Você se considera branco preto, pardo, amarelo ou indígena?**

Branco.

**Você está com quantos anos?**

49.

**Você tem formação em nível superior?**

Sim, curso de teologia e tecnologia da informação

**Você já exerceu a profissão?**

**Mais ou menos 5 anos na rua, não é isso?**

Sim.

**A última casa que você morou, que era sua, foi essa em que você morou com sua esposa em São Paulo?**

Sim, tem mais ou menos 6 para 7 anos.

**Esse imóvel era próprio?**

Era próprio.

**O que aconteceu com esse imóvel?**

A gente desfez do apartamento porque ela precisou pra cuidar, né, do pai dela, ainda mais por causa que a mãe dela tinha falecido. E acabou que eu não sei nem se ela conseguiu usufruir do que ela precisava antes de falecer, né? Mas eu creio que deve ter ajudado algo pessoal, os parentes dela lá. E eu, quando desfiz desse apartamento, foi porque a parte que ficou comigo eu acabei gastando, pagando aluguel. Às vezes, nunca tive problema com bebida, mas às vezes tomava uma cervejinha ou outra, e nessa época eu já não estava mais trabalhando, então, foi só, foi só acabando. O dinheiro foi acabando. Eu não entrava mais, aí foi acabando, foi...

**Você mantém contato com alguém da família?**

A única pessoa que tem viva hoje da minha família é uma meia irmã, que eu conheci há pouco tempo, há 2 anos que eu fiquei sabendo que eu tinha uma meia irmã, que mora em Santa Catarina. O resto da minha família não, não é mais viva.

**E tem alguém da família, amigos, conhecidos, que te dá algum apoio, alguma ajuda?**

Não, não. Infelizmente não tem mais não, só eu e Jesus Cristo mesmo.